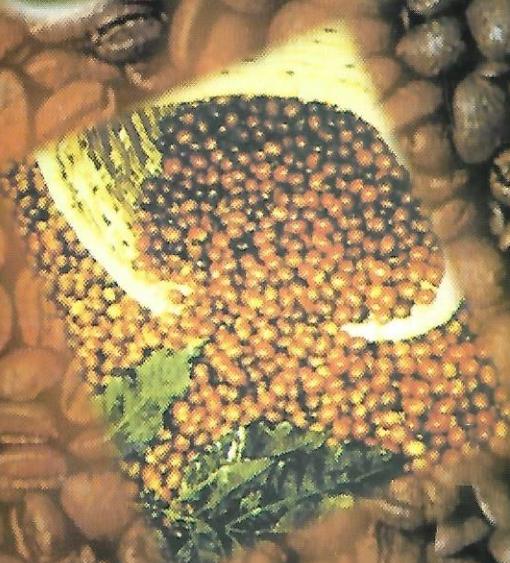


BOLETIM O GABELENSE

CAPA DE ACABAMENTO EM CLAUDIA VIVEI



*Mogofores: mais um ano
mais um encontro - pág. 8 a 11*

ASSOCIAÇÃO dos NATURAIS, EX-RESIDENTES
e AMIGOS da GABELA
Rua Américo Durão, Lote 16 - 7°C - 1900 LISBOA
Tel: 21 848 2323

aos ausentes...

a direcção

Não tanto pelas afluências que têm diminuído, preocupam-nos sobremaneira as ausências dos que eram habituais presenças nos nossos encontros...


Não vamos enumerar nomes, mas sentimos a falta de famílias inteiras, que antes eram presenças notadas, pelo seu número e também pela solidariedade e movimentado entusiasmo que dispensavam ao nosso encontro, muito contribuindo para a sua grandeza e agitação, sempre em ruidosa alegria e efusiva

fraternidade e animação.

Apesar de concorridos e muito movimentados pela participação dos que comparecem, insistimos em apelar a todos que se não esqueçam que o último domingo de Junho de cada ano é o dia do gabelesense, a reunião de todos em Mogofores, no Parque de Merendas, onde esperamos por todos para confraternizarmos e convivermos, sempre na esperança que não será o último ano em que nos encontraremos.

Haverá sempre uma razão para nos

encontrarmos, compartilharmos da companhia dos amigos, justificando a existência da nossa Associação, cientes de que, em cada encontro, teremos a surpresa de encontrarmos alguém que já não tínhamos o prazer de ver há muito tempo. Um reencontro é sempre emotivo e consolador...

Será sempre no último domingo de Junho de cada ano – compareçam, sejam activos, participem, justifiquem a existência da nossa Associação. O bom gabelesense não falta ao encontro... 

índice

| | |
|---|-----------|
| editorial | página 2 |
| a verdade | página 3 |
| ai ué angola caçadas do marques | página 5 |
| mogofores – mais um ano, mais um encontro | página 8 |
| fátima também é encontro | página 12 |
| crónicas da minha terra | página 16 |
| cahora-barra | página 22 |
| 11 de setembro – o incompreensível | página 24 |
| 2002 à porta – do escudo ao euro | página 25 |
| saiba que... | página 26 |
| direito de resposta... | página 27 |

ficha técnica

propriedade

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelesenses

composição gráfica

Elsa de Almeida

1ª página e impressão

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

a verdade

Luís de Sousa

A verdade só poderá ser entendida como sendo a verdade absoluta ou a verdade relativa. Não haverá meio termo.

A verdade absoluta é para alguns a verdade contida na palavra de Deus, seja através das sagradas escrituras, seja, enfim, para os católicos, também através do Papa quando fala “ex-catedra”.

A verdade relativa, a verdade dos humanos, é aquela que os Homens convencionam como sendo a sua verdade.

A verdade dos Homens, a verdade convencionada, há-de assentar sobre a ética dos valores ou sobre a ética dos interesses.

A ética dos valores – emanação do mundo do dever-ser, do mundo do Homem por excelência, do mundo onde o Homem vive no cultivo do seu imaginado e criatividade sustentada e burilada pela razão – é aquela realidade construída por obra e graça da mente humana e com a qual se procura moldar aquele outro mundo, o mundo do parecer-ser, visando, tanto quanto possível, a nossa aproximação daquele ainda outro mundo que se entende como sendo o mundo do ser, o mundo da essência da vida e das coisas que, paradoxalmente, é inatingível, como inatingível o é o arco-íris que, a despeito de qualquer avanço no seu encaço, o vemos posicionado sempre e sempre lá mais à frente.

A ética dos interesses, emanação do mundo do parecer-ser, do mundo da Natureza em toda a pujança da sua rusticidade tal como na vivência do nosso quotidiano o conhecemos, do mundo onde naturalmente o Homem vive a par dos demais seres, não é mais nem menos do que aquela realidade que se manifesta sob o domínio de práticas instintivas, que tantas e tantas vezes são justificadas pelos Homens ditos civilizados como imposições do pragmatismo.

Se a verdade assentar sobre a referida ética dos valores, há-de ter por medida e peso o equilíbrio de forças, as plataformas comuns e o bom senso na sua definição e fixação.

Se, pelo contrário, assentar sobre a ética dos interesses, terá sempre por medida e peso o poder do mais forte e sempre, inquestionavelmente sempre, o poder do mais forte na sua definição e fixação.

É nesta última perspectiva que entroncam as democracias capitalistas. Assim é o liberalismo económico, assim o é o neo-liberalismo e assim será a globalização do mercado de que tanto se fala hodiernamente.

Assim, enfim, se passam as coisas na selva com o cortejo de toda a sua irracionalidade. Assim, para além da racionalidade que dizem distinguir-nos das feras, se passam as coisas entre os Homens. Que ninguém se iluda! – Nietzsche tinha razão. Tudo o resto é baleia, são eufemismos, são disfarces.

E hoje como ontem, quiçá por isso

mesmo, aí está o terrorismo, aí está ele com todo o cortejo da irracionalidade catapultado por interesses contrapostos. Ao combatê-lo, como se impõe hoje tal como, afinal, se impunha antes, todos parecem preocupados em atacar os efeitos, esquecidos ou fazendo-se esquecidos de que os males de que se padece só se extirpam quando atacados nas suas causas, quais sejam no caso ora em apreço: a mentira, a incongruência e a injustiça com que todos os dias – as massas, todos nós – somos metralhadamente presenteados.

Os “binladens” não são a causa do problema, são os efeitos do problema.

Como a Hidra, quantas mais cabeças cortam ou querem cortar, quantas mais cabeças rolam pelo chão porco, imundo... tantas e tantas mais cabeças aparecem e se erguem ferozes... Veja-se a criançada da Palestina às pedradas contra Golias... Quantos mortos todos os dias?!... Quanto sofrimento gratuito e atroz infligido a todo um povo, tantas e quantas vezes em nome de interesses mal confessados e que todos nós parecemos ignorar ostensivamente?!... E o amanhã?!... O que estará, enfim, reservado para aquelas tais crianças?!... O que serão elas no futuro?!... “binladens”?! ... O que estará, enfim, reservado para todos nós?!...

Ontem, sofreremos nós, na pele, os Gabelenses, sofreremos nós, na pele, os Angolanos, sofreremos nós, na pele, os Portugueses, as farpas e a espada desembainhada do terrorismo na sua

arena de morte e desolação.

Morreram, então, logo no primeiro embate dos actos terroristas no Norte de Angola, ou seja, em 15 de Março de 1961, entre brancos e negros, cerca de dez mil seres humanos – crianças inocentes, mulheres, velhos, homens – cujo único crime era o de não serem negros ou não estarem alinhados com os terroristas.

Hoje, como ontem, por actos terroristas, morreram seres humanos, cerca de seis mil – noticiam os media – na queda, provocada pelos terroristas, dos arranha-céus do “World Trade Center”, um dos mais ostensivos símbolos do capitalismo e da terrível e desumana arrogância norte-americana.


E são exactamente aqueles, por esse mundo fora e também em Portugal, que em 1961 instigaram, fomentaram e alimentaram o terrorismo em Angola, que hoje se arrogam e se armam em paladinos do combate irracional contra o terrorismo.

Ontem, os actos de terrorismo, para esses “aqueles”, eram actos de nacionalismo; os terroristas eram nacionalistas. Havia que extirpar o colonialismo que era desumano e fazia com que os colonizados se sentissem estrangeiros na sua própria pátria. Como se sentirão, enfim, hoje, os colonizados de então?!... Sentir-se-ão como os colonizados de hoje ou diferentes?!... Quem é colonizado e quem é que não é colonizado?!... Pois!... O neo-colonialismo... será igual ao colonialismo?!... será menos desumano?!... O que é isso de ser desumano ou humano?!... Balela! Balela! Balela!

E o colonialismo... dizem: foi extirpado. Contudo... onde ontem a “extirpação do colonialismo” ocorreu, fixaram logo e de pronto os americanos – e não só – as suas raízes tentaculares, profundamente tentaculares e sobre as quais logo e de pronto ergueram a bandeira dum colonialismo tremendamente brutal, nunca visto em toda a História. Dizem: um novo colonialismo, o neo-colonialismo, este, agora, ostensivamente sob o lema: “daqui não saio, daqui ninguém me tira!”. Pois é assim mesmo, dizem: tenho as armas, tenho as bombas, tenho novas e sofisticadíssimas tecnologias que fazem com que eu consiga matar tudo e todos, brutal e impunemente, e que a mim ninguém mate. Tenho tudo nas minhas mãos. É tudo meu! Todo o vasto Mundo me pertence! Tenho as organizações governamentais internacionais, tenho os tribunais internacionais que fui criando a meu bel-prazer e a cujas jurisdições me recuso submeter. Essa agora! Isso é para os outros! Não é nem pode ser para mim! As leis, os protocolos, os tratados internacionais, rasgo-os pura e simplesmente e... curioso... sem pudor... invoco agora o artigo 5.º na exigência de que todos os subscritores do Tratado do Atlântico Norte, se levantem na defesa de um dos seus pares... seus, eu, que fui atacado pelos terroristas. Dizem: tenho as organizações financeiras que quanto mais esfolam mais querem esfolar. Vejam-se os pobres de todo o mundo, os marginalizados, os desgraçados... O que me falta, pois, a mim, todo poderoso, para ser o Rei dos Reis, o Rei do Mundo e submeter tudo e todos ao meu jugo?!... Submeter tudo e todos às minhas orgias alimentadas com

suor, sangue e atroz sofrimento dos outros?!... É, de facto, assim! Só que, a força... parece... não é eterna. Parece... jamais será eterna. A História mostra-nos impérios e impérios que cresceram, cresceram e cresceram até quase ao cume dos céus, até ao Olimpo, até aos deuses e, contudo, ruíram, acabaram inevitavelmente por se estatelar no chão com o estrondo da queda de gigantes e, tal como os Titãs, acabaram, sem apelo nem agravo, nas profundezas e na escuridão dos abismos. Onde estará a célebre máxima: “a América para os americanos, a Europa para os europeus, a Ásia para os asiáticos e a África para os africanos”?!... Onde estará essa tão cantada e decantada máxima que os americanos deram ao Mundo?!... Onde estará ela?!...

A verdade é isso mesmo: O que ontem, para uns, eram actos de terrorismo, para outros, por mais brutais, por mais hediondos que tenham sido, eram actos de nacionalismo. O que ontem, para uns, eram terroristas, para outros eram nacionalistas dignos dos mais altos encómios, heróis nacionais a despeito das barbaridades monstruosas por eles cometidas a coberto de interesses inconfessos. Hoje, como ontem, o que para muitos, esquecidos, ou fazendo-se esquecidos, das posições do passado por eles assumidas e desta feita completamente perdidos de histeria pelos acontecimentos de 11 de Setembro, é terrorismo, para outros é nacionalismo.

A memória dos Homens é curta. Valha isso, pois, aos hipócritas e criminosos de toda a sorte que, impunemente, assim se vão dando por satisfeitos. “Até quando, Catilina?!...” 

ai ué angola...

são marques

Lembrei-me à pouco de um poema de Agostinho Neto, na Sagrada Esperança, intitulado "Havemos de Voltar":

I - Às casas, às nossas lavras às praias,
aos nossos campos havemos de voltar

II - Às nossas terras, vermelhas de café
brancas do algodão e verde dos
molheiras havemos de voltar

III - Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo havemos de
voltar

IV - Aos nossos rios, nossos lagos às
montanhas, às florestas havemos de
voltar

V - À frescura da mulemba às nossas
tradições aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

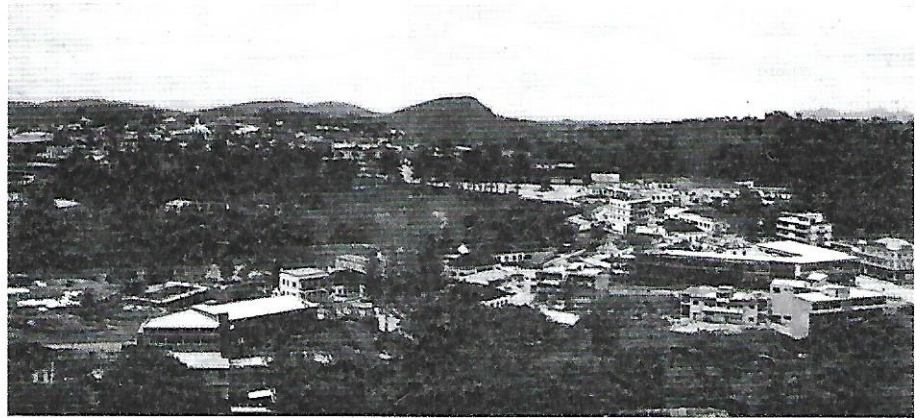
VI - À marimba e ao quissange ao
nosso carnaval havemos de voltar

VII - À bela pátria angolana nossa terra,
nossa mãe havemos de voltar

VIII - Havemos de voltar à Angola
libertada Angola independente

(cadeia do Aljube, Outubro de 1960)

Eu voltei um dia e estava em Luanda quando o seu líder faleceu. Senti na pele o receio das minorias, logo que a notícia se espalhou. "Morreu o protector dos brancos e o pai dos mulatos, veremos quem vos salva agora...", alguém me disse isto, com um brilho de gozo nos olhos. Todos nós, os mais claros, receamos pelas nossas vidas. Mas felizmente tudo não passou de medo latente. A montanha pariu um rato...



Alguém que também assistira às transformações em Angola no pós-independência afirma frequentemente que "Agostinho Neto acertou ao afirmar que... às florestas havemos de voltar..., pois é algo que está crescendo em Angola, o matagal no interior!

Desaparecem os cafezais, os milheirais e em seu lugar cresce o mato... " Este é o tipo de afirmação que ninguém poderá contestar. A floresta está ganhando espaço. E isto é uma boa notícia para a atmosfera. Mas também o petróleo aumenta a produção, que ultrapassa já os 2 milhões de barris por dia. E as provisões apontam para o seu aumento. A empresa francesa ELF descobriu uma das maiores zonas petrolíferas de África a noroeste de Angola, embora se suspeite que toda a região costeira seja rica em petróleo principalmente o sudoeste. Porém mais de 60% da população angolana vive abaixo do limiar da pobreza. Mais de 30% "remediam-se", enquanto os restantes, mais ou menos 10% são ricos, querem ser mais ricos ainda e não têm vergonha. Ostentam essa riqueza em todo o lado dentro e fora do país.

"Chegam a Washington para assinar um acordo de assistência humanitária e tiram do bolso uma caneta que custou mais do que tudo que o interlocutor americano traz posto, fato e relógio incluído ". (Fonte: Focus, Nov. 99)

Em Angola, infelizmente, também aumenta o número de refugiados nas cidades do litoral e capitais das províncias, aumenta o número de mendigos e pedintes.

A criminalidade cresce a olhos vistos – não viagem em Angola com as portas dos automóveis destrancadas e com os vidros das janelas descidos – é um conselho que vos dou!

São as próprias Nações Unidas que o afirmam: Angola é, hoje, o pior país do mundo para uma criança nascer... – três em cada dez morrem antes de completarem cinco anos de idade.

O número de "deslocados" de guerra ultrapassou os dois milhões. Nas terras que os camponeses foram obrigados a abandonar, os soldados plantam minas em lugar da tradicional mandioca ou ginguba (amendoim). Só o P.A.M. (Programa Alimentar Mundial, das



Nações Unidas) socorre alguns dos campos de refugiados espalhados pelas capitais das Províncias.

Porém, dentro das Nações Unidas, há quem questione este auxílio! Afinal, Angola é um país riquíssimo em recursos naturais. Não será o momento para obrigar os dirigentes deste país a aplicar essa riqueza em prol do bem estar das populações? Até quando a guerra servirá de pretexto para justificar os desvarios? Até quando Angola irá figurar entre os países subdesenvolvidos? Com uma das mais altas taxas de mortalidade infantil 127%, enquanto a média dos países

do hemisfério Norte ronda os 10%. A esperança média de vida de 45 anos contra 78 anos da média europeia...

Presentemente perante a questão “Havemos de voltar”, pessoalmente responderia... é pouco provável que volte a Angola, às florestas, aos selvagens, à indiferença, à corrupção, à fome, à mágoa e à revolta, muita mágoa e revolta. Ainda sonho com África, o seu cheiro, os ruídos da noite africana, a sua beleza luxuriante, as suas gentes simples... Talvez seja uma atracção fatal, quem sabe?

Mas algo posso afirmar convicta, os

actuais beligerantes jamais tiveram ou terão o meu apoio. Esgotaram todas as oportunidades, de acabarem com a guerra. Já não há esperança... Só descrédito...

_____ * * * _____

Frequentemente recordo a última vez que fui à Gabela em Dezembro de 1979. Fui rever as cachoeiras, passei no jardim da Gabela e por fim visitei a antiga fazenda dos meus pais. Entrei na nossa antiga casa, sem móveis, com tectos pretos de fazerem afogueira no seu interior. Quando partimos de regresso à Gabela na carrinha de meus pais, verificamos que vinha um grande grupo de nativos caminhando apressadamente (alguns correndo até !) na nossa direcção. É que tinha chegado a notícia à libata próxima de que a “menina São” estava na fazenda... E alguns quiseram vê-la... Como estávamos de partida, correram para o carro, agarravam-se e jamais esquecerei o comentário de um deles “Ai ué a menina São, ai ué!” Era o seu lamento.

Longínquos estavam os tempos em que eu em criança apanhava boleia nas bicicletas dos trabalhadores da fazenda e íamos ao mel, sempre que descobriam uma colmeia.

Foram momentos inesquecíveis... Quando me sentava com os trabalhadores em redor da fogueira e comia pirão com peixe seco em óleo de palma e rama de batata doce e por fim ficava ouvindo as cantarias com violas artesanais e batuques improvisados. Gente pura, sem malícia, gente boa.


Agora limito-me a contar as histórias de África, aos meus filhos, aos meus alunos.

Aqui vai mais uma história de caçadas de meu pai – narrada na primeira pessoa.

“Certa vez avistamos pacaças e após sair do carro alvejei um vitelo. Aos brados deste vem a mãe à carga, não me dando tempo para carregar a arma. Restar-me-ia uma única solução – trepar à árvore mais próxima. Mas, azar dos azares, a árvore mais próxima era um pau-de-ferro que tem imensos picos desde a base ao topo. Trepei um pouco e a pacaça deu-me uma ajuda suplementar involuntária com um empurrão que me fez subir mais alto.

Embora inicialmente os picos passassem despercebidos logo logo comecei a sentir ardor dos arranhões resultantes escalada. Tive sorte em ter conseguido enfiar a bandoleira da arma ao pescoço, pois a pacaça permaneceu próximo ao filho e a árvore ora tentando fazer erguer o primeiro ora mordendo e investindo na árvore onde me encontrava. Foi nesta posição desconfortável que finalmente consegui recarregar a arma e abater a mãe pacaça. Dolorosa foi a descida daquela árvore. Enquanto eu descia, jurei jamais abater outros filhotes de pacaça e jurei igualmente que não voltaria a subir a uma árvore quando fosse atacado por uma só pacaça, já que poderia servir-me da árvore como escudo.

A partir desta ocasião sempre que uma pacaça investia contra mim, eu escudava-me com uma árvore e era uma curiosa tourada.

Elas recuavam e investiam de focinho rente ao chão e marravam na árvore que me servia de escudo, com quanta força tinham. Isto acontecia frequentemente quando o animal estava ferido.” 



memórias de caçadas do Marques

Certa noite quando vinha de regresso da fazenda Longa Nhia, numa depressão ou baixa chamada Zulo, detectamos com o farolim inúmeros olhos ao longe a cerca de 400 metros da viatura que logo identificamos como pertencendo a veados.

Aproximei-me dos animais, a pé, com a lanterna de cabeça e fiz tiro a um dos veados, um grande macho. O animal caiu e eu carreguei-o à costas durante mais de 200 metros, num terreno acidentado. Como o animal era pesado e rapidamente me senti cansado, atirei-o para o chão e fiz sinal ao ajudante para vir ajudar-me. Enquanto aguardava pelo ajudante, o veado, recuperou, levantou-se e arranca na direcção do ajudante, impedindo-me de fazer-lhe tiro, pois correria o risco de alvejar o ajudante. O veado desapareceu e quando me recordo a boleia que lhe dei só posso sorrir...

Noutra ocasião e na estrada da mesma fazenda da CADA (Longa Nhia) aproximei-me de uma manada de pacaças e fiz fogo com uma certa dificuldade pois o capim era bastante alto. Os animais reagiram tão bruscamente e rapidamente que não permitiu carregar a arma e atirar novamente – correram na minha direcção! Perante a sua proximidade e havendo uma árvore de copa baixa mesmo a meu lado, saltei e agarrei-me a um ramo.

Mas azar dos azares, o ramo não resistiu, quebrando-se e lançando-me mesmo no meio da manada em correria. Roci pelo abdômen de uma delas mas cai ileso pois não fui atropelado como receara; ao invés, evitaram-me na sua fuga desenfreada. Foi mais um susto!

mogofores: mais um ano, mais

a direcção

De facto, nunca foi preciso falar ou escrever sobre os nossos encontros, talvez porque nunca se pôs em dúvida a afluência e presença dos gabelenses, portanto, a sua divulgação, para além de um aviso prévio, com a distribuição de um programa, antes do encontro, era o indispensável.

Aliás assim tem acontecido, embora a afluência tenha diminuído e se comecem a notar ausências prolongadas de muitos. São já 25 anos passados. A primeira geração de

permanência em Portugal começa a entrar na terceira idade e as deslocações a tornarem-se cansativas e por vezes impossíveis para alguns; a segunda geração começa a afluir menos vezes, a espaços, não por desinteresse, mas porque outras obrigações a isso os impedem...; a partir da terceira geração (os filhos dos filhos), a maioria nascida em Portugal, começa mesmo a desinteressar-se. Muitos, senão a maioria, chegaram cá muito jovens ou nasceram cá e nada os liga à vivência ou convivência dos pais ou, ainda pior, à dos avós. Não

podemos, nem devemos criticá-los por isso pela normalidade do procedimento ser comum.

Resta-nos a nós primeira geração, apoiados pelos nossos filhos e não contando com os netos, com menos afluência de gabelenses, mantermos a nossa Associação, o nosso Boletim, perpetuando algo que até agora tem sido o nosso elo de ligação, o ponto de encontro dos gabelenses, para rever os amigos que se encontram espalhados de norte a sul de Portugal. Valha-nos esse prazer de, em cada ano, rever as



um encontro





peças que estimamos, os amigos, hoje a rarear, selando essa presença com um apertado e sincero abraço de saudade que, em cada ano, se torna cada vez menor, pela ausência de muitos...

Sem considerarmos uma perda, este ano sentiu-se a ausência de um grande antigo, um verdadeiro gabelense que se não sentiu com forças, por falta de saúde, para estar no Encontro e como sempre celebrar a missa que, ao longo dos anos, desde o início, sempre fez questão de estar presente, respondendo à chamada, ultimamente com bastante sacrifício. Faltou-nos o nosso querido amigo Padre Manuel Alexandre, para nos dar a sua bênção e connosco confraternizar e, como sempre, recordar os bons tempos que vivemos na Gabela, onde foi capelão militar, pároco e professor. Todos guardamos dele uma bela recordação – homem bom, generoso, foi sempre um companheiro e o melhor conselheiro para os jovens seus educandos. Desejamos, sinceramente, que se restabeleça e que apesar da idade, 81



anos, ainda o possamos voltar a ver nos nossos Encontros. O padre Alexandre vive em Fátima, na Rua Beato Nuno 232 – telefone 249.533.949. Sempre que puderem contactem-

no e/ou visitem-no. Ele merece e apreciará muito o vosso apoio e carinho.

Entretanto, do último Encontro guardamos também boas recordações,

apesar de menos gente, esteve animado e concorrido. Houve muito empenhamento, confraternização, novas caras, gabelenses que há muito não víamos e que pela primeira vez compareceram e se regozijaram de estar presentes, o que bastante nos consolou, cientes de que temos de manter a nossa Associação, para continuarmos a gozar dessas surpresas que são, certamente, do agrado de todos e nunca demais, como justificação, para nos continuarmos a encontrar em Mogofores, como já nos habituamos, sempre no último domingo de Junho de cada ano, faça sol ou chuva.

Aqui reproduzimos, para a posteridade, fotos que tirámos de último encontro, em 24 de Junho de 2001, aguardando que, para futuro, se mantenha a afluência e que os gabelenses compareçam em força, pois a sua presença será sempre, por todos, muito aplaudida, pela sua manifestação de solidariedade e desejo de partilhar em gratidão pelos bons tempos que passámos em terras de Amboim, onde todos, mas todos, demos o nosso melhor para o seu engradecimento. 🍀



fátima também é encontro

silva carvalho

Convencionou-se, desde que chegámos, que o primeiro domingo de Setembro, em Fátima, também fosse um dia para encontro de ex-residentes das que foram colónias (Províncias) portuguesas, muito em particular de Angola, a colónia (Província) mais portuguesa de Portugal...

Criou-se um hábito e a comparência foi tomando, ao longo dos anos, proporções de afluência cada vez maiores, como “ponto de encontro” dos que em busca de um amigo e/ou conhecido, eu sei lá, de gente que tivesse estado na mesma colónia (Província), para conversarem, trocar impressões, recordar outros tempos que, apesar dos anos passados não foram esquecidos – manter um contacto era o que interessava. Só por isso, Fátima passou a fazer parte de um roteiro de saudade e, para mitigá-la, o



primeiro domingo de Setembro passou a ser usado, por muitos, em especial para os que viveram em Angola e não só, para reencontros. Ainda hoje é assim para alguns, muito poucos...

Nesse dia, com o ajuntamento das pessoas, podiam ver-se faixas, com dísticos alusivos às mais diversas regiões de Angola, chamando a atenção dos presentes que “ali” estava concentrada gente contactável, ciosa de encontrar um amigo...

Gente de Carmona (Uige), Malange, Dalatando (Cuanza-Norte), Catete, Huambo (Nova Lisboa), Calulo, Amboim, Quibala (Cuanza-Sul), Sá-da-Bandeira (Lubango) e até em particular da Maianga (Bairro de Luanda), entre outras, que ali iam em peregrinação, cumprindo um ritual de passar uma manhã ou parte da tarde, na ânsia de um aprazível encontro. Uma romagem de saudade...

A princípio, nos primeiros anos do





regresso, ou melhor, da vinda forçada para Portugal, a afluência era inédita, em cada lugar se deparavam com grupos oriundos das mais diversas paragens de Angola, assinalando a sua presença com dísticos alusivos às terras onde haviam permanecido. Com o decorrer do tempo, como tudo, o hábito caiu no esquecimento e sobrepôs-se à vontade das pessoas. Agora só raramente se depara com alguém. Só por acaso se encontra um conhecido ou com aspecto de terem estado nas “Áfricas”... Também o tempo se encarregou de modificar as pessoas. Estamos integrados e somos do continente (da metrópole). Antes havia diferença... hoje, já não, para além de um ou outro com prenúncia característica de quem viveu em Angola... Somos todos metropolitanos portugueses, cidadãos europeus, da União Europeia. Em breve esqueceremos o escudo, como esquecemos o angolano e apenas teremos o euro – somos cidadãos da comunidade europeia, acabaremos por esquecer as nossas raízes angolanas, sim, porque muitos nascemos e vivemos uma vida lá...

Neste primeiro domingo de Setembro,


dia 2, deste ano, rumei a Fátima, mais o meu amigo Silva, porque fomos alertados por gente da Quibala (Sul), pelo comum amigo Manel Vieitos, que se iriam juntar lá outros tantos amigos da Quibala para confraternizar. A razão era prestar uma homenagem aos IRMÃOS RAIMUNDOS, que há muito não víamos e que três deles – Xico, Manel e António, tinham vindo do Brasil onde se encontram radicados há anos...

Lá estivemos com mais alguns amigos da Quibala onde, ultimamente residia, que me lembre – o Vidal, os Zés do Império e do Benfica, o Carvalho, o Gilberto, o Daniel, o Amaro, o Raimundo (sobrinho), o Victor da Gabela e tantos outros que responderam à chamada do Vieitos. Foi inesquecível rever tanta gente, conversar, trocar impressões e, principalmente, saber que apesar de mais velhos e de uma dura experiência vivida cá, após a descolonização, não há ressentimentos e todos se encontram com as suas vidas reorganizadas, mais desafogados que lá, quiçá mais ricos, de ânimo confiante porque desfrutaram de sossego, tranquilidade e paz para trabalhar e empreender novas actividades. Aliás,

como lá procederam, contribuindo para a construção de um País onde, actualmente, graça a insegurança por uma guerra que não tem fim. Esse o lamento de todos... Não houve lugar a tristezas e muito menos a saudosismos...

Para todos, Angola pertence ao passado, que se recorda, desejando que o presente e o futuro seja para os angolanos de esperança e que consigam a paz, para que em breve, todos, participem na reconstrução de um País abalado, ao qual todos nós dedicamos muito carinho e desejamos, sinceramente, seja para todos os angolanos, como foi para todos nós, independentemente das suas conotações ou ideologias políticas.

Que como nós, em democracia e liberdade, possam viver em paz, criar e educar os seus filhos, tornando Angola num grande País, como exemplo para África.

Esta foi, em suma, a ilação que colhi dos meus amigos da Quibala, pelas impressões que com eles troquei. Sem ressentimentos ou saudosismos, recordamos os bons tempos que passámos na Quibala (Sul). 

A ARTE DE FAZER BONS VINHOS

É na Bairrada que, há mais de setenta anos, as Caves Aliança se dedicam a fazer muitos dos grandes vinhos portugueses. Uma arte que agora pode ser admirada numa inesquecível visita.

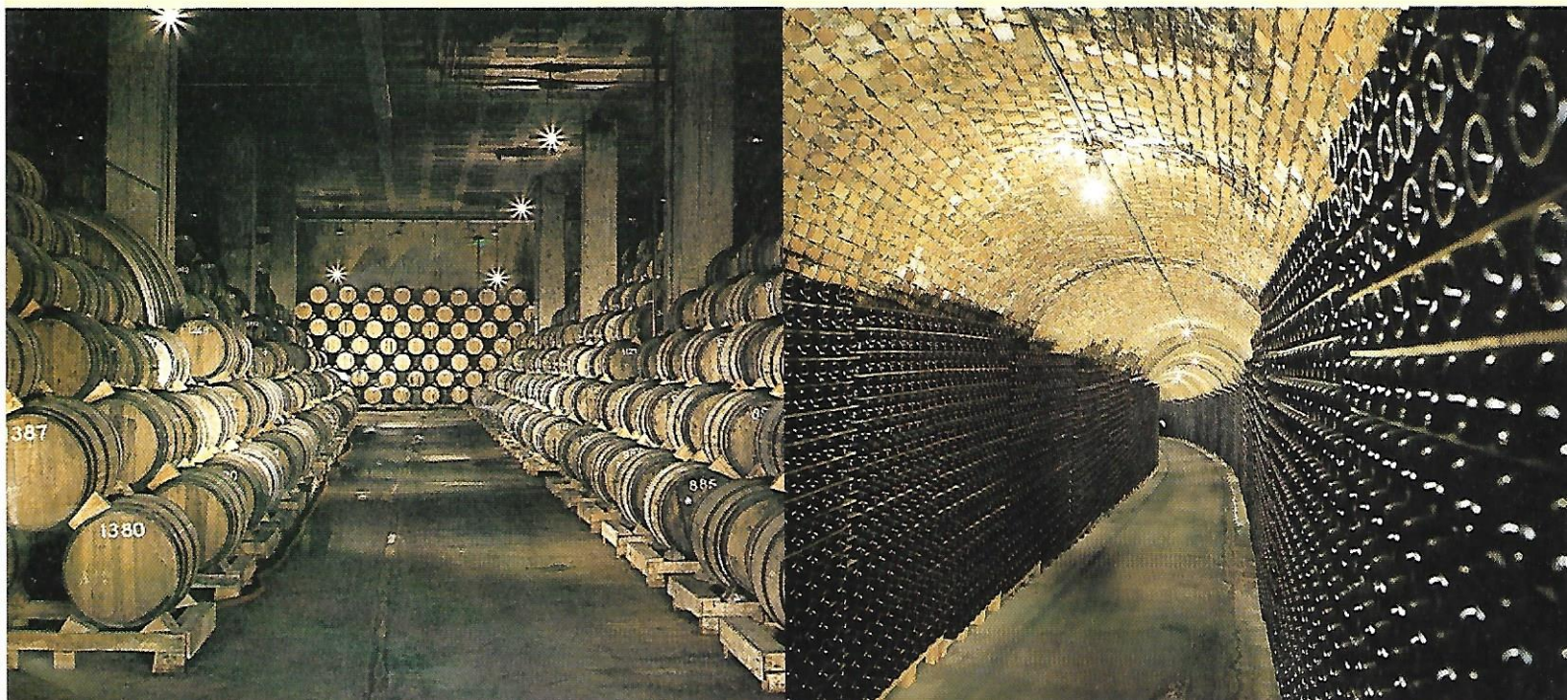
A visita às Caves

Inseridas na Rota dos Vinhos, as Caves Aliança abrem-lhe agora as portas para proporcionar um passeio inesquecível, através de uma visita guiada pelas galerias frescas e escuras onde nascem os vinhos, aguardentes e espumantes que fazem as delícias de tantos apreciadores em todo o mundo.

Aqui, no interior das Caves Aliança, poderá conhecer todas as diferenças inerentes ao processo de fabrico dos vinhos, aguardentes ou espumantes e ficar a conhecer como depois da fermentação do mosto, os diferentes tipos de vinho são seleccionados conforme o fim a que se destinam: enquanto uns são envelhecidos em barricas para mais tarde serem engarrafados e comercializados, outros seguem para a destilaria onde se obtêm as reputadíssimas aguardentes desta casa – Antiqua, Antiquíssima e Galeria XO. Por sua vez, o vinho destinado a espumante é engarrafado e armazenado para iniciar a segunda fermentação.

No entanto, na visita às caves, há muito mais para ver. E dos momentos mais fascinante é passear pelas galerias onde envelhecem os melhores vinhos, espumantes e aguardentes durante vários anos, fechados em barris de carvalho e em garrafas. Aqui, encerrados na penumbra dos longos túneis abaulados, eles repousam até atingir as características ideais para ser comercializados.

É aqui também que nasce o espumante Bairrada, produzido segundo o método champanhês tradicional, que consiste numa segunda fermentação da garrafa. Isto é, o vinho é engarrafado juntamente com os fermentos e armazenado em longas galerias, onde permanece fechado para fermentar lentamente, até ganhar o gás natural próprio do espumante, para depois ser submetido a um laborioso processo de decantações, dosagem, mudança de rolha até à rotulagem das garrafas.



Fundadas em 1927, as Caves Aliança foram constituídas para produzir e comercializar vinhos de mesa, aguardentes e espumantes.

Desde essa altura que esta empresa da povoação de Sangalhos não parou de crescer, aumentando tanto a produção, como a exportação.

Hoje, 50% dos vinhos das Caves Aliança destinam-se a mais de 60 países estrangeiros, o que demonstra bem como os seus vinhos são bem conceituados a nível internacional.

O segredo de um grande negócio

Partindo do princípio que só as as boas uvas produzem os melhores vinhos, é ainda possível conhecer todos os processos de controle, e visitar inclusivamente os laboratórios onde são feitas as análises microbiológicas, de acordo com as normas internacionais ISO 9002.

Todas as fases, desde a recepção das uvas, até ao engarrafamento são minuciosamente controladas para garantir a melhor qualidade dos vinhos. Só assim foi possível que as Caves Aliança crescessem tanto, produzindo sempre vinhos, aguardentes e espumantes da altíssima qualidade.

Para além de Sangalhos

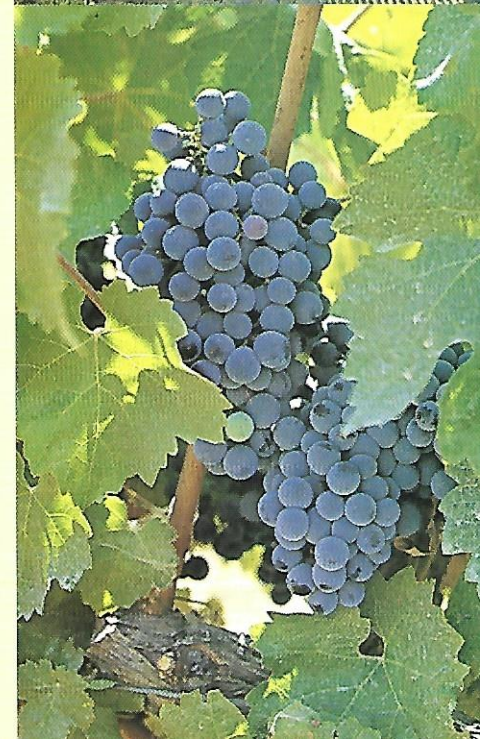
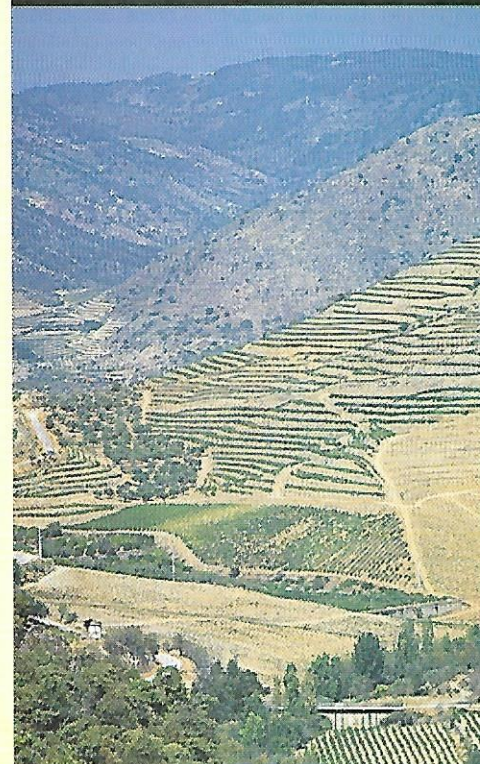
Outro ponto interessante nesta visita pelas Caves Aliança é ficar a conhecer a real dimensão desta casa. Apesar de estar sediada na Bairrada, hoje as Caves Aliança abrangem um grande número de vinhas de outras regiões do país, que cobrem as principais regiões demarcadas de Portugal: Douro Superior – Foz Côa, Dão, Beiras – Figueira de Castelo Rodrigo, Alentejo – Borba e Redondo, para além da Bairrada.

Segue-se a visita à sala onde pode conhecer os diferentes vinhos comercializados pela empresa e onde estão os prémios nacionais e internacionais conquistados por esta casa ao longo dos anos.

E finalmente, para que tudo isto faça sentido, é dado aos visitantes a oportunidade de provar alguns dos néctares produzidos pelas Caves Aliança.

Uma visita realmente inesquecível. Uma arte única que dá origem a alguns dos melhores vinhos de sempre.

Visitas ou Informações
Caves Aliança
Rua da Misericórdia – Sangalhos
Tel. 234 732 000
www.caves.alianca.pt



figuras típicas manuel faztudo

luís de souza

dedicatória

À memória do meu filho, Paulo Jorge (o meu Joquinha)

Aos meus filhos, Luís Filipe e Rui David

Ao meu neto, Henrique Jorge de Sousa

1ª Parte

Alguém ainda por aí, saberá,
porventura, quem era o Manuel
Faztudo?!...

Também pouco ou nada importará que
o saibam ou não.

O certo é que o Manuel Faztudo era o Manuel Faztudo. Irmão da Vitória Faztudo e do enfermeiro, Miguel Faztudo. Era um dos residentes do Quinjumbulo e uma das mais populares e carismáticas figuras da Gabela de antanho.

Marcavam-no traços precisos, fortes e muito peculiares: semblante atraente, bonomia acentuada, maneira de ser e de estar corteses, onde não faltavam requintes de finura. Por tudo isso, o Manuel Faztudo era de trato fácil e, assim, ganhou, aos olhos da minha meninice, naqueles idos que o passar do tempo impiedosamente relega para o esquecimento, a reputação mais do que merecida de figura típica da Gabela.

Gabela, burgo que, embora, ao tempo, pouco mais fosse do que um lugarejo, nem por isso deixava de ser buliçosa, trepidante e animada pelo ritmo que as



coisas, as sagas do café lhe emprestavam – muitas das quais badaladas em moldes a merecerem dignidade de verdadeiras epopeias, mormente em finais dos anos quarenta, princípios dos anos cinquenta, com particular ênfase para as querelas que opunham o Secundino Alves da Silva ao Augusto Simões Pereira, este também conhecido por Pereira Cambuta, pai do meu Amigo Tito, da Melita, do Janja, da Lina e creio que ainda de outros dois ou três de que não me lembro de todo – atraindo para ela, de modo inusitado, forasteiros de tudo quanto era sítio, de tal jeito que, miseráveis roceiros, de um dia para o outro, se transformaram em verdadeiros milionários, passeando-se, tantas vezes ridiculamente, em “pontiacs”, “buicks”, “cadilacs”, “chevrolets” de “rabo-de-peixe”, verdadeiras banheiras andantes... De que modos?!... Assim mesmo: de “chauffeur”, charuto,

“querida” ao lado e flor na lapela.

Novo-riquismo?!... Outros tempos, outras gentes... Ou, talvez melhor! Como diria, enfim, o meu Amigo, Francisco Martins Pinto: outros tempos... as mesmas gentes.

A Guerra terminara em 1945. Com a guerra, os preços do café subiram de modo astronómico e jamais pensados.

– Então, Manuel Faztudo?!... A vida?! O que se faz por aí?!

– Cá vou indo!... Como vê, sempre e sempre igual a mim mesmo: resistindo como posso... Forte, rijo e feio, contra as arremetidas impiedosas de coriscos e picaretas!... De resto, ouça bem o que lhe digo: o que importa considerar é que o Homem vive na intersecção de três mundos: o mundo do ser, o mundo do parecer-ser e o mundo do dever-ser. Com o mundo do dever-ser, que é o seu mundo por excelência, o Homem

crónicas da minha terra

modela o mundo do parecer-ser, aquele em que naturalmente vive, para, tanto quanto possível, se ir aproximando, progressivamente... Ou... Talvez não!... Para ir vivendo na ilusória possibilidade de gradativamente se aproximar do mundo do ser que, afinal, paradoxalmente se lhe oferece inatingível.

– Pois é Manuel Faztudo!... E você que tanto sabe...

- Não sei nada, “c’ons diabos”!... A única coisa, enfim, que penso saber, se é que alguma coisa me é dado saber, é que é triste quem não sabe e não sabe que não sabe e ainda mais triste é quem não sabe, não quer saber e tem raiva a quem saiba.

E com remates deste jaez, lá seguia ele, em frente, o Manuel Faztudo.

Entrando e saindo dos estabelecimentos comerciais por onde ia passando, se em algum deles o ambiente fosse propício, adequado ao seu jeito, especialmente com jovens estudantes à mistura, como por vezes acontecia naquelas lojas que se situavam em derredor do Colégio-Liceu Dr. José Maria de Aguiar, logo ali começava a arengar o Manuel Faztudo. Exultando como se em pleno areópago se encontrasse – qual Cícero... Não, por certo, Cícero no Areópago Ateniense, mas nas não menos célebres e cantadas assembleias de Roma dos Césares – qual Cícero... Empertigado, pois, em jeitos que tais, dizia o Manuel Faztudo então:

– Posturas possíveis perante uma afirmação.

Feita esta introdução temática, lá prosseguia ele nas suas elocuições

tribunícias.

– Perante qualquer uma afirmação, poderemos, obviamente, concordar ou discordar dela.

Se concordarmos, nada mais há a fazer. Está a questão resolvida.

Se discordarmos, poderemos fazê-lo por uma de duas vias: oposição ou conversão.

Se da afirmação questionada quisermos discordar por oposição, teremos quatro vias para o fazer: oposição contrária, oposição contraditória, oposição subcontrária e oposição subalterna.

Se da afirmação questionada quisermos discordar por conversão, teremos, tal como na oposição, quatro vias para o fazer: conversão simples, conversão por limitação, conversão por negação e conversão por contraposição.

– E por aqui me fico, meus senhores!

– Se quiserdes, pois, saber, limpinho, limpinho, como tudo isto se faz... Não à gabiru qualquer, à sevandija; se quiserdes conhecer as regras que permitem discordar de modo verdadeiro e válido e não do jeito para aí usado e estafado: – Não porque não!... – Sim porque sim!... O eterno Bláblá... Bláblá... Venha de lá um “zangado”! Se não... Meus caríssimos!... Num pé, rápido como o vento, vento que passa sem bulir... Olho vivo e pé ligeiro, vou-me já e presto pregar a outra freguesia!

As mais das vezes, logo de seguida saía apressado porta fora.

Ao chegar a um outro estabelecimento comercial – fosse o do João Pereira

onde era visto mais amiudadamente – e se, porventura, forte inspiração o motivasse, lá se punha ele, de novo, a botar faladura “ex-professo”:

– Chamam-me advogado do Quinjumbulo?!... Pois, então, aí vai:

cartilha do advogado

Só é Advogado quem tiver capacidade de análise e sentido crítico. Quem, no debate de ideias e causas, souber, com rigor, definir termos e fixar planos. Quem souber construir raciocínios verdadeiros e válidos. Quem souber detectar falácias e extirpá-las ou introduzi-las, se necessário, na argumentação. Quem, em suma, como ninguém, souber, com mestria, montar e desmontar argumentos e contra-argumentos.

Só é Advogado quem dominar plenamente, quer falada, quer escrita, a língua do país em que estiver inserido ou se houver instalado.

Só é Advogado quem dominar plenamente a lógica.

Só é Advogado quem souber o que é a verdade, a coerência e a justiça.

Só é Advogado quem tiver a noção plena e exacta da responsabilidade.

Ter capacidade de análise e sentido crítico, é saber dividir e classificar as ideias e as coisas e saber distinguir o verdadeiro do falso, o válido do inválido.

Definir termos, é saber que, na linguagem falada e escrita, os termos são, em regra, ambíguos e, por isso, no debate de ideias e causas, importa começar por conhecer muito bem qual o verdadeiro sentido, o verdadeiro

conteúdo, o verdadeiro significado do termo que se estiver a utilizar ou que se há-de utilizar. Fixar planos, é saber que não é possível qualquer concertação entre partes se não se fixar uma plataforma comum, se se estiver a debater ideias ou causas em planos diferentes.

Dominar a língua é, entre nós, portugueses, falar e escrever a língua de Camões correctamente e com precisão.

Dominar a lógica, para o Advogado, é saber que para se atingir o objecto do conhecimento é necessário prosseguir um método que varia de acordo com os diferentes ramos da ciência e saber que o método das ciências jurídicas é o dedutivo e que todo o seu procedimento obedece a regras estritas e rígidas do pensar correcto, ou seja, saber que o método dedutivo implica, na argumentação, seguir e aplicar à risca as regras da lógica enunciadas e desenvolvidas pelo Estagirita.

Saber o que é a verdade, é saber que só a palavra de Deus será verdade absoluta; é saber, pelo menos, que "... um fraco humano..." – assim o Poeta classificou lapidariamente o "bicho homem" – só conhece as coisas pelas aparências; é saber que ser realista não é ser quem conheça a realidade na sua essência, posto que esta será inatingível, inalcançável... Ser realista, é ser quem empreenda todos os esforços possíveis e imaginários no sentido de tentar aproximar-se o mais possível da realidade, no sentido de tentar aproximar-se o mais possível do cerne, da essência das coisas, procurando por esta via, sem necessidade de ser perfeccionista, o máximo de perfeição e aperfeiçoamento; é saber que, nas

ciências jurídicas, no Direito, interessa, sobremaneira, uma e única verdade: a verdade relativa, a verdade do Homem, a verdade convencionada. Aquela ou aquelas da qual ou das quais se parte como dado ou dados adquiridos e de que se fazem inferências que têm de ser verdades assentes noutras verdades dadas e válidas na observância rigorosa das regras da lógica.

Construir raciocínios verdadeiros e válidos é começar por saber que, na linguagem falada e escrita, as letras, os fonemas, se articulam em palavras, em termos; as palavras, os termos, em juízos, proposições, orações, enunciados e os juízos em raciocínios. É saber que só são articuláveis as coisas que tenham notas, características, elementos comuns. Depois, aceitar como verdade aquilo e só aquilo que haja sido convencionado como tal e, como válidos, os juízos e raciocínios construídos na estrita observância das regras da lógica a partir de dados tidos como adquiridos. Saber que o termo é a expressão verbal das ideias ou conceitos; as proposições, orações, enunciados, são a expressão verbal dos juízos; os argumentos, a expressão verbal dos raciocínios. São falácias os vícios de raciocínio, os vícios da argumentação, que tanto podem ser introduzidos intencionalmente na forma de sofismas ou não intencionalmente na forma de paralogismos.

Saber o que é a coerência, é conhecer muito bem e não descurar nunca as regras da lógica. E, a partir daqui, fazer discorrer, discursivamente, de verdade ou verdades dadas como adquiridas outras e todas outras quantas verdades

se quiser.

Saber o que é a justiça, é saber que para todo e qualquer dos seus entendimentos se deve partir do conceito de justiça distributiva, segundo a qual: a cada um aquilo que lhe pertence e só aquilo que lhe pertence; nem mais, nem menos. Se se der mais, alguém, injustamente, ficará com menos; se se der menos, alguém, injustamente, ficará com mais.

Saber construir argumentos é saber, no mínimo dos mínimos, que o argumento, expressão verbal do raciocínio, tem, no silogismo, a sua forma mais singeleza, havendo, pois, outros argumentos de construção mais complexa, mais sofisticada, seja, por exemplo, aquele de que os advogados mais especificamente se socorrem: o epiquerema; é saber que o raciocínio constroi-se a partir de juízos e que a expressão verbal do juízo é a proposição ou oração formada por dois termos e uma cópula que, em regra, é o verbo ser ou equivalente; é saber que os juízos constroem-se a partir de ideias (Platão) ou conceitos (Aristóteles) e que o termo é a expressão verbal da ideia ou conceito; é saber que, num silogismo, existem sempre, explícitas ou implícitas e devidamente encadeadas, duas premissas – se se quiser, dois juízos dados como verdades adquiridas – a maior e a menor, das quais se faz discorrer, necessariamente, a conclusão; é saber, que em qualquer juízo existem sempre, explícita ou implicitamente, três termos: o termo maior, o termo médio e o termo menor; é saber que os termos maior e médio são integrantes da premissa maior; é saber que a premissa menor é

integrada pelo termo menor e pelo maior; é saber que a conclusão é integrada pelo termo menor e pelo termo médio encadeados e articulados com a mesma técnica utilizada na premissa maior e, de passagem, na premissa menor; é saber que as ideias ou conceitos, para se encadearem, para se articularem nos juízos, têm de ser compatíveis, isto é, têm de ter características, notas comuns e que tais ideias ou conceitos, como todas as demais coisas, têm extensão e compreensão que poderão ser maior ou menor, umas maiores, outras menores, permitindo, deste jeito, que se encaixem uns nos outros formando o todo, a unidade do conhecimento, a unidade do saber e que a extensão varia na razão inversa da compreensão e vice-versa. É saber que contra-argumentar é, com outro argumento, responder ao argumento posto, resposta que poderá ser formulada por oposição ou por conversão.

Ter a noção plena e o sentido exacto da responsabilidade, é saber que os actos praticados pelas pessoas têm sempre consequências que poderão atingir os próprios autores ou terceiros e pelas quais, as mais das vezes, se responde com gravidade, magoando seriamente; é saber, afinal e por isso, quais são os actos nefastos e como evitá-los; o que serão, quais serão as consequências da prática de cada um dos nossos actos, quando ocorrerão tais consequências, onde e como ocorrerão elas, quem as fará ocorrer e por elas o infractor sofrer e por que razão, esse quem, assim procederá. Sabido tudo isto, o Homem responsável decide, por fim, se deverá ou não praticar certo e determinado acto e se, eventualmente, depois de reflectido e ponderado com

todo o rigor, aliás, como deve ser, optar pela sua prática, deverá, como responsável, assumir plenamente as consequências que lhe advierem, sem mágoas, sem queixumes.

Em suma: só é advogado de corpo inteiro quem, tendo estaleca para tal, tiver vasta e sólida cultura obtida em escolas... Em que escolas?!...; vasta e sólida cultura obtida em verdadeiras escolas e amadurecida nas vivências do dia a dia e na reflexão constante da vida e das coisas, sem que, ao mesmo tempo, lhe seja permitido olvidar o estudo aprofundado e ininterrupto dos mais variados e complexos saberes.

“Dixit”!

– Tenho ou não tenho direito a um “zangado”?!

– Tem sim senhor e vai daí o “zangado”!

Calcorreando pontos estratégicos do pequeno burgo, o Manuel Faztudo deambulava por ali, ora subindo ora descendo a Rua Dr. José Maria de Aguiar, na qual e no prédio dos Carvalinhos mais precisamente, se situava o Colégio-Liceu Dr. José Maria de Aguiar em porfia acesa com o Colégio Infante de Sagres.

O Colégio Infante de Sagres situado a caminho de quem ia para a Aricanga, ali à saída para a Quibala, para os lados do antigo campo de aviação, onde, há muitos anos, o Manuel Botelho, o Manuel das Vacas, meu padrinho de baptismo, tinha gado bovino a apascentar e do qual abastecia de leite a povoação da Gabela.

O Manuel das Vacas, do Huía, daquele

lugar atravessado pelo rio que lhe deu o nome.

O Manuel das Vacas, o homem que havia sido militar nas campanhas do Pereira d’Eça; o invulgar e exímio contador de histórias mirabolantes que, em casa dos meus pais, ao almoço, ao jantar e pela noite adentro, em lugar da televisão e do cinema que, obviamente, não existiam, deslumbrava-me com os seus relatos de feitos gloriosos em discurso directo, soerguendo-se a cada passo e pondo-se de pé com brusquidão inesperada nos momentos mais acalorados, para, de seguida, voltar a sentar-se calmamente; empolgado com os grandes feitos do passado, arrastava cadeiras, com o punho pesado batia na mesa, entusiasmadíssimo e arrebatador como se vivêssemos o momento, como se representasse num verdadeiro palco – deslumbrava-me com os seus relatos de façanhas mil em que havia participado ou não: gestos largos e precisos; figura de homem imponente, alto, seco; ombros largos; já um tanto ou quanto curvado pelo peso dos anos; de chapéu largo, rodado, à guarda-montada canadiana, a enrolar e a desenrolar com lentidão o seu cigarro de mortalha em momentos de pausa e em que o requinte e a solenidade do acto o privava dos grandes gestos e o convidava a falar mansinho, mais suave, porém sempre sabiamente; tom de voz forte, sílabas bem articuladas, bem marteladas naquele seu jeito de falar lento e cadenciado.

O Manuel das Vacas, que trouxera o primeiro carro, o primeiro automóvel que aparecera na Gabela: um “Ford” a pontapés. Não sei lá muito bem o que é isso... Mas... Enfim... Não nos

percamos na largueza de deambulações estranhas ao Manuel Faztudo como que por apelo à emoção de outras vivências.

Como dizíamos atrás e voltando a ele: o Colégio-Liceu Dr. José Maria de Aguiar em porfia acesa com o Colégio Infante de Sagres que era propriedade da Mariana, que foi mulher do enfermeiro Correia, depois do Morais da Zúnzua, irmã do Carlos Araújo, mãe do Marito e da Dr^a. Lisete, farmacêutica, mulher do Eng^o. Sequeira.

Ainda assim... E por mais um pequenino apelo à tolerância, deixemo-nos, só por mais um instantezinho encantados, embevecidos no enlevo que nos dá a lembrança daquelas pequeninas coisas que se vão irremediavelmente perdendo na lonjura do passado: e os Carvalhinhos?!... Os donos da cerâmica, ali para os lados do já referido antigo campo de aviação, para quem trabalhara o Canário, um dos mais famosos guarda-redes do A.R.A. – lembro-me de o ver envolvido à bofetada com o simpático Freitas – que mais tarde se fixou para os lados da Cela – e tudo em disputa por saber se o Canário defenderia ou não os “penaltys” que o Freitas se propôs mear, creio que no tempo em que o A.R.A. ainda não era o A.R.A. mas sim o Amboim Clube (AC), no qual, anos atrás, igualmente se destacara como guarda-redes de nomeada, o Faria, Aspirante Administrativo, naquele tempo em que o campo de futebol não era ainda na Aricanga mas sim junto daquela gigantesca e frondosa mulemba por debaixo da qual a assistência dos jogos de futebol se abrigava do sol. Ali, a partir do qual

subia uma rampa íngreme que terminava próximo da escadaria à entrada para a Igreja paroquial.

Ora, como dizíamos, os Carvalhinhos: o Augusto Ferreira de Carvalho, o Manuel Ferreira de Carvalho, este, pai de Julieta Sandão, do Rogério, o “Janito” (economista, professor do ensino secundário em Almada e encenador do S. Carlos com o curso de teatro do Conservatório), do Rui e da Joaquina.

Se a Mariana era dona do Colégio Infante de Sagres, já do Colégio-Liceu Dr. José Maria de Aguiar o era o Professor Jaime Waldemar Ferreira da Fonseca, o

que, em rigor – para não falar da Professora Lídia, irmã do médico Dr. Dinis da Gama, mais exactamente professora da minha irmã Celeste do que propriamente minha – foi o verdadeiro meu primeiro professor na escola primária, mas que e apesar disso ou talvez por isso mesmo, não deixou de me amaciar as “unhas” com a sua pesada palmatória nem a cabeça e os braços com os seus ponteiros de caniço que se estilhaçavam na cabeça dos alunos – em postura oposta à da Professora Luísa Feio, a minha professora da quarta classe. O Professor Jaime Waldemar Ferreira da Fonseca era marido da lindíssima Dilar – aquela bela mulher que, com o seu assustador ponteiro de tacula... Tive-a como Professora na Admissão aos Liceus: a minha cabeça... Os meus braços... As orelhas do Tótó... – mãe do preclaríssimo José Manuel, o Zé Manel para os amigos, o Zé Manel que, há uns já muitos mais do que simples bons anos atrás abalou inopinadamente para o ex-Congo Belga e de quem, de então para cá, nada mais ouvi falar. Perdi-lhe

pura e simplesmente o rasto.

Daquela mesma rua, ou seja, da Rua Dr. José Maria de Aguiar, raramente o Manuel Faztudo se afastava no seu ir e vir – e tão-só por uma única e simples razão: não tinha necessidade de o fazer. Ali estava todo o seu mundo.

De estabelecimento comercial em estabelecimento comercial, lá ia ele: era visto, um pouco cá mais abaixo, no Baptista Henriques; um pouco mais lá acima, no Calça, pai do Quitas, do Linito, da Landina e do Tonito; depois, no Evaristo Figueiredo, pai do António Figueiredo, o da Casa Carioca, do Ezequiel (engenheiro agrónomo), do Zé e do Cabeto e, de passagem, no David de Sousa... Aqui, não fosse o diabo tecê-las... Apenas e só quando, na loja, “Casa Senense”, o meu irmão Amâncio estivesse sozinho.

Era visto no Alexandre & Irmão, Lda., de que eram sócios o Manuel Simões Alexandre, pai do António, do Orlando, do Eduardo, do Cilocas (engenheiro electrotécnico. Vive no Brasil), da Cilita e da Lalita (médica) e o Leopoldino Simões Alexandre, pai do Hélio, da Gabi, da Talinha e da Bemardete, parando com mais regularidade na loja do João Pereira, por onde então andava, como empregado de balcão, o Domingos Carraça.

Do João Pereira passava-se para o Quartim, pai do Luís, da Viota, da Fernanda, da Nela, do Jorge e da Paula; do Quartim passava-se, por vezes, para o prédio do Pio, pai da Berta, prédio onde, no primeiro andar, chegou a morar o António Loureiro (visconde do imbondeiro), velho austero, apumado, senhor do seu nariz, de porte distinto, pai do

crónicas da minha terra

Matapaus, do António Loureiro Júnior alcunhado de pacaça creio que pelo seu particular jeito de olhar e onde ainda o Domingos de Oliveira – pai da Aura, mulher do Carpinteiro, carpinteiro de nome, da Zinha, mulher do Correia, o Correia, futebolista do A.R.A. e que veio a ser presidente da Câmara Municipal da Gabela... Como íamos a dizer, prédio onde o Domingos de Oliveira – também pai da Guida, a filha mais nova... Mais nova que terá hoje a minha idade – teve estabelecimento comercial. Desta loja, exactamente defronte do edifício do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e da Indústria da Província de Angola onde o Brochado era enfermeiro de nomeada e de quem todos se lembrarão, o Manuel Faztudo passava-se para o Antero, no prédio do Nazaré, completando-se aqui e assim o périplo iniciado no Quinjumbulo.

De quando em vez, lá se aventurava no arriscar de desvios fugazes e acabava por ir parar numa outra rua: a rua do Guimarães Sapateiro, sapateiro de profissão, pai do Geraldo, da Lisete, da Mimi e da Celeste; a rua do mecânico João Felgueiras, anos depois roceiro, pai do Carlos, da Dora, do João e irmão do Ramiro Felgueiras, também mecânico, homem bom, pai do Luís Maria; a mesma rua, afinal, que também havia sido do Nunes Carpinteiro, também carpinteiro de profissão, pai da Mariazinha, da Melita e do Tonecas.

Chegava-se, sorrateiro, ao Baptista Vaz – pai do João, do Manuel, da Maria, do Xico e padrinho de baptismo da minha irmã, Celeste – onde se lhe deparava, a par do vinho, apetitosa e não menos apetecida ginguba torrada com mestria;

Chegava-se ao Verganista Martins, pai do Zé, da Mimi e padrinho de baptismo da minha irmã, Rosita; ao Peres, casado com a São Abrantes e instalado como comerciante no prédio do Simão Carpinteiro, pai do Luís Andorinha, do António e colega do Gândara igualmente carpinteiro. De volta ao ponto de partida do desvio de onde iniciara a fuga do seu reduto, tocava no Rocha & Coelho... O Coelho, pai do António, do Rui, do Orlando e tio do António Quilapanga; tocava na loja do Armando Campos – filho do Campos do Saúde Hotel, o da Augustinha, mais tarde dono do bar e do cinema Amboim, aliás, cujos prédios foram mandados construir por ele e exactamente para os ditos fins, sem que, naturalmente por isso, lhes fosse dado outro destino.

Lá ia, pois, o Manuel Faztudo: ora entrava ora saía – qual zangão ou vespa de cálice em cálice – não, atente-se, em busca do néctar de graciosas e sedutoras flores, mas sim em busca do néctar dos deuses e muito em particular do néctar atintado de Baco.

Homem de algumas e boas letras – não sei se autodidacta – prosaico no verdadeiro sentido do termo, bem falante, de espírito sagaz e refinado, sotaque, traje, gestos e modos de invejar a brancos e, sendo ele negro, era, contudo, desprovido daquelas características que mais acentuadamente marcam os povos da etnia Banto. Seria crioulo?!...

De onde viera a família Faztudo ali para o Quinjumbulo?!... Não sei! Seria nativa da Gabela?!...


De fato afiambrado, sem se importar se cotiado ou não pelo atrito, de gravata nem sempre muito bem alinhada,

sapatos mais ou menos descambados e chapéu semi-deformado pela inclemência do tempo, passeava-se o Manuel Faztudo pela Gabela, orgulhando-se de que toda a gente soubesse que, nos seus tempos áureos, não sei quando nem onde, havia sido distinto funcionário dos Correios.

Que falava muito bem, pensada e pausadamente, bom timbre de voz, gestos e expressões de rosto estudados e medidos ao milímetro na exaltação da sua eloquência e não menos brilhante retórica, lá isso não havia dúvida. Em tal jeito estaria ainda para vir quem lhe levasse a palma.

Que escrevia muito bem, quer na colocação ajustada das palavras às ideias, quer no afinar e no alindamento da letra desenhada, é verdade insofismável.

Era tudo isso assim posto, o Manuel Faztudo era o Manuel Faztudo: único e só ele.

Por tais atributos, sobejos e mais do que notórios, agigantava-se, a seu modo, com a solenidade própria dos vultos que se destacam da mediania e da mediocridade, alcandorando-se de entre os seus pares – e não só – como um verdadeiro escriba... Mas escriba de outros tempos: não, por certo, do Egipto. De um tempo em que o café era café. Era então um ilustre requerimentista digno de ombrear com o mais cantado e decantado ambaquista de que nos dá notícia Óscar Ribas. 

Continua no próximo "Gabelense"

a barragem de cahora-bassa

agostinho fonseca

Tal como se constata acima, sou o Agostinho Pereira da Fonseca, o Agostinho dos Montadores da D. António Barroso, o filho mais velho do, (recentemente falecido), Oscar da Saca, para os mais distraídos ou esquecidos, o P+V(*).

Sou casado com uma também Gabelense, a Lourdes Carvalho, filha do Ismael de Carvalho da Quilenda e ex-funcionária da casa Mandarin, do Portugal & Sousa.

Temos dois filhos, o Artur com 21 anos e natural de Johannesburg/RSA e a Marta com 16 e natural de Harare/ZIMBABWE, como poderão verificar, multinaturalidade é coisa que não falta cá em casa.

Agora vou descrever-vos um pouco do meu percurso da Gabela até aqui.

De Setembro de 1975 a Setembro de 1977, vivi aí em Portugal. Foram os piores anos da minha vida, sempre na esperança de que o conflito na nossa terra terminasse e que a ela pudesse voltar. Como isso não acontecesse e não me conseguisse adaptar à vida aí, resolvi inscrever-me em tudo o que eram embaixadas, consulados e até em certos partidos políticos, mas os resultados eram pouco animadores, umas quantas entrevistas, algumas promessas, mas nada de concreto.

Em Julho de 1977, alertado pelo encarregado da subestação da SONEFE na Gabela, li no jornal "O 1º de JANEIRO" do Porto, um anúncio a

pedir operadores e electricistas para a barragem de Cahora-Bassa em Moçambique. Como fosse em África e se falasse Português, de imediato concorri e fui aceite mas, dado ter pouco tempo de prática, só podia ser admitido com a categoria de ajudante de operador/electricista. Como desde cedo percebi que não se nasce já grande, assinei contrato por um ano e marquei viagens. É claro que atrás desse ano vieram mais oito, assim, dado ter sido integrado nos quadros permanentes da EDP em 1980, em finais de 1986 e como já tivesse entrado nos trintas, resolvi ir apresentar-me e iniciar uma vida nova. Foi um erro brutal que cometi na vida, muito além de ter evoluído bastante tecnicamente, pois fui trabalhar para uma área totalmente diferente, mais uma vez falhei na adaptação, pensava dia e noite na nossa querida África assim, como tivesse as portas abertas cá na empresa, inscrevi-me de novo e, através dos acordos de cooperação técnica especial entre a EDP/HCB, passados quatro meses estava de novo em Moçambique.

Já lá vão mais de onze anos e cá continuo. Continuarei enquanto a EDP me deixar e a HCB me quiser, pois trabalho no que gosto, num dos maiores empreendimentos do género no mundo, em parte equipado com a mais moderna tecnologia e vivo na nossa querida África.

Dado só haver aqui escolaridade capaz até ao nono ano, a Lourdes está agora aí em Portugal com os nossos filhos,

vêm cá pelas férias de verão e por norma vou eu aí pelo Natal. Custa imenso a separação mas, pesando bem, achamos ser o melhor. Quem da Lourdes se lembrar e a quiser contactar, poderá fazê-lo para: Lourdes Fonseca - Rua D. Miguel 245 1º Dtº - 4440 VALONGO e/ou pelo telefone 22 422 4874.

Em relação a este mundo onde trabalho e vivo, tentarei descrevê-lo o melhor que puder e souber, pois acredito que muita pouca gente fará ideia do que isto é.

Dado ser um quanto limitado a escrever, pois continuo somente com as habilitações escolares que tirei na nossa Gabela, para me facilitar o trabalho e possivelmente para melhor compreensão, irei descrever em cinco partes todo o empreendimento, por alguma gralha, desde já as minhas desculpas.

subestação

A subestação de Cahora-Bassa fica situada no planalto do Songo, a mais ou menos 6 Kms da central hidroeléctrica (barragem) e na vila com o mesmo nome.

Ocupa uma área de aproximadamente 250.000 metros quadrados onde está implantado o parque de linhas, o edifício de comando, as salas onde estão instalados os equipamentos dos serviços auxiliares e os edifícios destinados às equipas de manutenção.

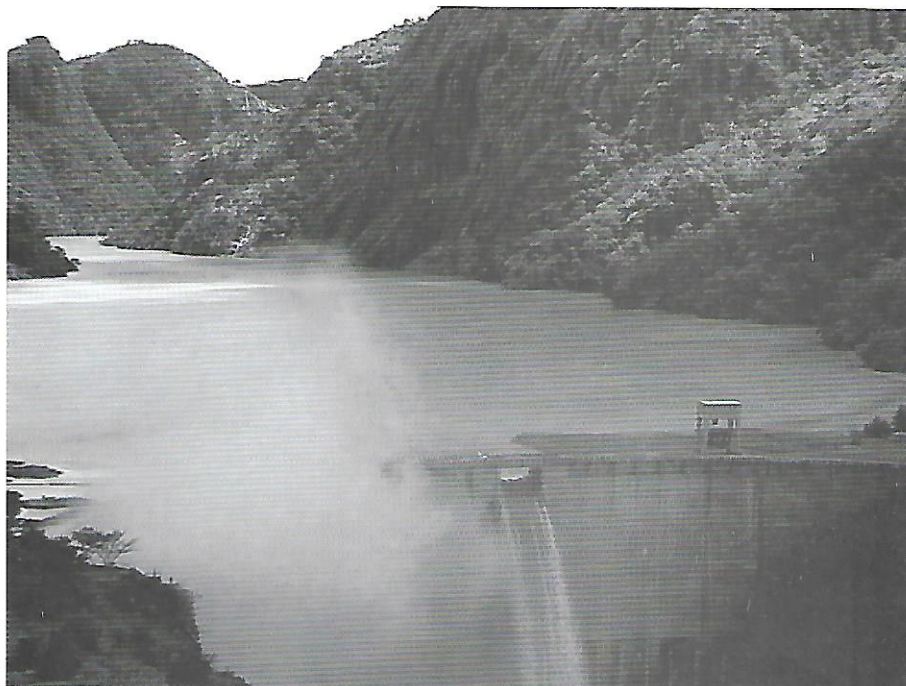
No edifício de comando, além da sala de comando e respectivas salas de

controle, estão também os gabinetes da administração da empresa, das várias direcções de serviços e equipas de apoio, dos chefes de departamento e os armazéns de material especial, eléctrico e mecânico.

Inicialmente, o empreendimento foi projectado para que quase toda a energia produzida (92,5%), fosse exportada para a África do Sul. Dada a distancia, (1400Km), para reduzir as perdas em transporte e para evitar subestações intercalares a fim de garantir níveis de tensões aceitáveis, optou-se pelo transporte em corrente continua, daí que, a maior parte do parque de linhas, comporta o equipamento de conversão de alterna em continua, assim, existem dois barramentos onde estão as chegadas dos cinco geradores e as derivações para as oito pontes conversoras, transformadores auxiliares e bancos de filtros. Também a nível do projecto inicial e para rentabilizar ao máximo toda a produção do empreendimento, foi construída uma linha de corrente alternada que iria alimentar a cidade de TETE e interligar com o sistema SHER, (Sociedade Hidroeléctrica do Ruvué), este no paralelo Chimoio (ex Vila Pery)/ Beira.

Com o passar dos anos, surgiram novos projectos tanto a nível interno como externo, tendo sido construídas mais duas saídas em corrente alternada, uma a 220Kv para alimentar a parte centro/norte do País e uma outra a 330 Kv para alimentar o ZIMBABWE.

Resumindo; a subestação é o pulmão principal do empreendimento, recebe os 2075 Mw produzidos na central, "mais ou menos 25% do consumo total de



Portugal em hora de ponta" e dela partem para onde anteriormente referi.

Aquando de serviço, respondo por uma equipe de turnos, sendo o responsável por todo o tipo de manobras, por toda a produção da central e a sua entrega aos diversos consumidores.

a central

A central hidroeléctrica de Cahora Bassa fica situada na margem direita do rio Zambeze e ligeiramente a jusante da barragem que lhe dá o nome. A nível estrutural é uma autentica obra prima da engenharia, isto por toda ela ter sido escavada numa só rocha de onde foram retirados quase um milhão de metros cúbicos de pedra.

É composta pelo túnel de acesso, nave principal, nave dos transformadores, poço de cabos, tomadas de água e respectivas condutas forçadas, chaminés de equilíbrio e canais de fuga.

O túnel de acesso em forma de meia lua, tem 6 metros de raio, 1600 metros de comprimento e uma inclinação de quase 10%.

A nave principal, onde estão instalados os geradores, tem 203m de comprimento, 28m de largura e 54m de altura.

Paralelamente a esta nave, existe uma outra onde estão instalados os transformadores principais e auxiliares, tem 168m de comprimento, 11m de largura e 13 de altura. Desta nave parte o poço de cabos, tem 6m de diâmetro e 110m de altura.

As tomadas de água, ficam todas incorporadas numa única superestrutura de betão de onde partem as 5 condutas forçadas para alimentar as turbinas. A tomada de água em si, tem uma frente de 150m e uma altura de 55m. Cada conduta forçada tem 9,7m de diâmetro, 170m de comprimento e uma inclinação de 45°.

Afim de regularizar o funcionamento

hidráulico do sistema, foram também construídas duas chaminés de equilíbrio, uma comum a duas máquinas e uma outra a três, tendo a mais pequena 71,5m de comprimento, 21m de largura e 72 de altura, sendo a maior 5,5m mais comprida.

De cada uma destas chaminés, sai um canal de fuga, estes para restituírem a água turbinada ao rio, tendo o mais curto 15m de largura, 18 de altura e 242 de comprimento e o mais comprido com 100m mais, mantendo a altura e largura.

Valor aproximado de rocha removida em metros cúbicos:


- Túnel de acesso: 90.500
- Nave principal: 307.000
- Nave dos transformadores: 24.000
- Poço de cabos: 3.100
- Tomada de água: 440.000
- Conduitas forçadas: 5x12.500
- Chaminés de equilíbrio: 223.000
- Canais de fuga: 157.500

Por estas números se poderá fazer uma ideia da grandiosidade da obra em si.

A nível de equipamento instalado, é composta por 5 alternadores que debitam 415 Mw cada, estes equipados com turbinas do tipo francis. Para cada alternador existe um banco com 3 transformadores monofásicos, isto para elevar a tensão dos 16 Kv que é produzida para os 220 kv, esta a tensão de serviço na subestação. Dos transformadores para a plataforma de transição a energia produzida pelas máquinas é transportada em cabos entubados e embebidos em óleo, na referida plataforma de transição, passam para linhas aéreas. Não vou entrar em pormenores técnicos, faço somente referencia ao consumo de

cada máquina a trabalhar em pleno e que é de 453 metros cúbicos de água por segundo e que o rotor de cada alternador pesa somente 950 toneladas.

Se tivermos em conta que o somatório da produção de todas as barragens Portuguesas é de 3069 Mw e que só

esta produz 2075 Mw, verificaríamos o quanto útil seria para Portugal ter 4 idênticas, ficaríamos com o problema energético resolvido mas, um problema se levantaria, dada a superfície alagada pelas albufeiras, onde iríamos semear/plantar as couves? 

Continua no próximo "Gabelense"

opinião

é incompreensível... não dá para entender

silva carvalho

Ainda hoje as imagens aterradoras dos acontecimentos do dia 11 de Setembro me deixam ansioso, incapaz de conciliar o meu espírito, para compreender como foi possível acontecer tão enorme desgraça, um atentado que apenas vitimou inocentes. Inacreditável. Aterrorador. Incompreensível.

Naquelas duas Torres em Nova Iorque, apenas se encontravam pessoas inocentes, como todas as pessoas do mundo que vivem o seu dia a dia trabalhando, cuidando de suas vidas, da prosperidade do seu agregado familiar, contribuindo para a estabilidade dos seus países, estejam eles no ocidente ou no oriente e professem o cristianismo, judaísmo, islamismo ou budismo. Pessoas civilizadas... Inocentes...

A religião é irrelevante, se a confrontarmos com outros valores com que os países civilizados se debatem, contribuindo para que haja equilíbrio no mundo e se esqueçam os confrontos que ao longo do tempo só ocasionaram

a destruição do mundo a agonia dos povos que pacificamente desenvolveram as suas culturas, legando aos demais – a ciência, técnica e a arte – em que se empenharam, cultivando-as, pacificamente, para a preservação da humanidade.

É pois difícil entender a perversidade de mentes de líderes que buscam no terrorismo a justificação dos seus actos para atacar inocentes, aterrorizando os povos, em nome de uma religião, a cujo "Deus" sacrificam fanáticos, com a promessa de uma recompensa no "Além"...

Contra isto remeto-me ao silêncio incapaz de compreender tanta maldade. Recolho-me e no íntimo, rezo, para que Deus consiga que no mundo reine a compreensão e que se faça justiça entre os homens, para que terminem as vinganças e as raivas e reine a harmonia.

A Nossa Senhora de Fátima eu rezo para que Deus nos proteja e nos mantenha com fé.

Rezemos todos pela Paz no mundo. 

do escudo (\$) ao euro (•)

a direcção

A transição não vai ser simples, pacífica, nem fácil.

Suscitará dúvidas e certas indecisões, sobretudo enquanto coexistirem as duas moedas e conseqüente troca...

Haverá desentendimentos pela desconfiança, mas tudo acabará em bem, após o período de transição e regularizará quando se mantiver apenas o euro (•).

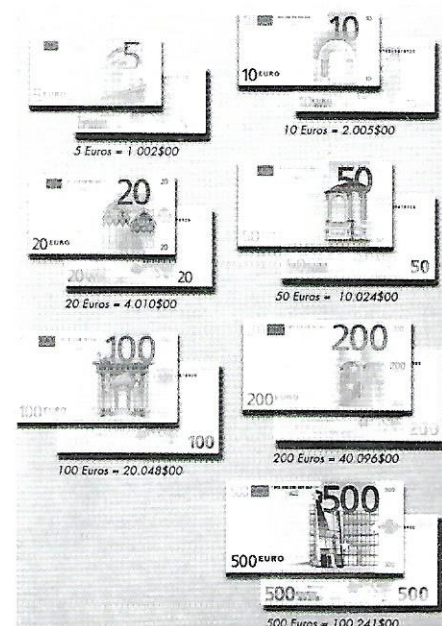
A situação é algo semelhante quando nos deslocamos ao estrangeiro e temos de cambiar dinheiro e lá fazer compras e pretendemos saber o valor das mesmas em escudos.

Entretanto sucedem-se os esclarecimentos. É preciso estar atento e fazer-se um esforço para os compreender. Converse, troque opiniões e não tenha receios de expor as suas dúvidas, que todos temos. Pelo menos alguns...

“À meia noite, na véspera do Ano Novo, Portugal e mais 11 Nações da Europa iniciarão a maior mudança cambial de sempre”.

Haverá SETE novas notas de euro (•) – no valor de 5, 10, 20, 50, 100, 200 e 500 euros – e OITO novas moedas – no valor de 2 euros, 1 euro, 50, 20, 10, 5, 2 e 1 cêntimos.

Até 1 de Janeiro de 2002, os valores são mostrados na moeda nacional (escudos em Portugal) e em euros nas etiquetas de preços, nos talões de compras com cartão de crédito, nos bilhetes de transporte, nas guias de



pagamento, nas facturas e em todas as formas de contabilidade.

É de aproveitar o período em que os preços vêm marcados em escudos e em euros para fazermos contas (conversões), para compreendermos e começarmos a nos familiarizar com a nova moeda (euro •).

Em Portugal as contas são fáceis, pois o euro (•) vale um número quase redondo de 200,482 escudos.

A partir de meados de Dezembro, estarão disponíveis ao público conjuntos com oito novas moedas de euro para se prepararem para o dia 1 de Janeiro.

Gaste ou deposite numa conta bancária todo o dinheiro (escudos), que possa ter em seu poder.

Como já se disse um euro (•1) vale 200, 482 escudos.

Para saber quanto valeria em euros

uma quantia ou preço que está em escudos, divida por 200. Para saber quanto valeria em escudos um preço ou quantia que está em euros multiplique por 200.

TRUQUES DE CÁLCULO – para converter euros para escudos multiplique por dois e junte dois zeros.

A data limite para pagamentos em escudos: 28 de Fevereiro de 2002. As moedas de escudos poderão ser trocadas no Banco de Portugal até ao último dia de 2002 e as notas de escudo poderão ser trocadas até 28 de Fevereiro.

Todas as dúvidas poderão e deverão ser esclarecidas no seu banco e/ou repartição de Finanças.

Entretanto, vá praticando! Faça contas! Se mantiver dúvidas esclareça-as!

Não se envergonhe. Esclarecido, tudo será muito mais fácil.

Saiba que...

jorge r. domingos

Portugal vendeu a Moçambique a Barragem de Cabora Bassa por um dólar... Por esse dinheiro também eu a comprava... Venderam por um dólar um empreendimento que custou milhões de contos, pagos por todos nós.

Não negociaram a transferência, deram sem honra, sem dignidade, sem isenção.

Na transferência de soberania de Macau para a China, o Presidente da República comoveu-se, houve dignidade no arrear da Bandeira, que foi cuidadosamente dobrada e colocada no peito pelo Dignitário Português ao som do Hino Nacional.

Tanta cerimónia, tanta pompa, tanta emoção, tanta transmissão televisiva, tanta divulgação na transferência de um território com 16 Kms² – que diferença para aqueles que pisaram a Bandeira e que contraste com o arrear da Bandeira em Angola, na altura da independência, enrolada debaixo do braço de um qualquer, sem elevação, sem dignidade, na transferência de um território mais rico do mundo, com mais de um milhão de Kms².

No julgamento da FP 25, os culpados foram absolvidos por falta de provas. Eu penso que com fundamento, porque os mortos não se queixaram...

A recente reforma fiscal teima em penalizar quem trabalha, quem investe e a subsidiar quem não quer trabalhar; continuam a não dar qualquer incentivo à produção e ao investimento e a privilegiar a caridade; mas efectivamente Portugal hoje também é dependente do rendimento mínimo garantido pago pela UE.

A tolerância O (zero) devia ser apreciada no Parlamento e nos Ministérios. Não é aprovada qualquer lei com efeitos práticos.

Veja-se o caso da ponte Entre-os-Rios. A manutenção dependia do Instituto do Douro, da Câmara Municipal, do Ministério do Ambiente, do Governo Civil, da ICER, da JAE – do, da, do, da – de todos e de ninguém. Cai a ponte, morrem setenta pessoas e a culpa é de ninguém – todos e muita gente é paga e, muitos, muito bem pagos, para fazerem coisa nenhuma.

A burocracia só existe porque nos meandros burocráticos há sempre lugar para um qualquer “boy”, que precisa de um “job”. É ridículo que alguém que tenha Bilhete de Identidade necessite de uma certidão de nascimento, para provar o quê... que efectivamente nasceu e que não é um cidadão virtual.

Saiu um novo Dicionário de Português muito aplaudido pela crítica em que são aportuguesados muitos vocábulos estrangeiros. Agora é português correcto dizer-se bué da fixe. Não reparei se “job” é português e não sei como se escreveria “boy”. O que sei é que ainda sou do tempo em que havia puristas da língua e seria de supor que em Portugal se falaria português e efectivamente ir ao “shopping” beber um “drink” numa “nice” não é português, é sim parasitismo da língua – penso eu...

Em todas as épocas festivas o número de mortos nas estradas aumenta; a resposta é a tolerância O (zero), que é mais um nome para a caça à multa. O problema não está só no álcool nem na velocidade. Está,

sobretudo e fundamentalmente, na falta de civismo dos condutores, que levam para a estrada as suas frustrações. É imoral que um condutor que provoque um acidente por uma manobra perigosa – o colocar-se à frente de um outro carro e travar – o ultrapassar pela direita na auto estrada – as ultrapassagens a queimar, fique sem qualquer penalização. Com um bom carro ir a velocidade superior a 120 Kms/hora na auto-estrada, no meu ponto de vista, seria perfeitamente lícito; mas não; aí sim, segundo a tolerância O (zero), é altamente penalizável, ainda que seja um condutor exemplar. Não atacam as verdadeiras causas e o número de mortes é assustador, sendo Portugal o número um em mortos em acidentes, mas também o primeiro em alcoolismo, em acidentes de trabalho, em casos de tuberculose, em incidência da sida, em mortalidade infantil. A solução dos iluminados – tolerância O (zero) – coitados...

Porque será que uma dívida ao Estado seja cobrada com juros de mora diários – e um reembolso do Estado a favor de um cidadão não tenha a mesma disposição legal.

Porque será que nunca ninguém se queixou em instâncias internacionais, exigindo indemnizações pagáveis pelas expropriações de bens no processo de descolonização.

Porquê e como vidas inteiras de esforço e trabalho são ignobilmente ignoradas pelos que negociaram a independência, e ninguém protesta, ninguém se indigna. Quantos sonhos desfeitos, quantas vidas destruídas, quanto esforço inglório, quantos heróis traídos, sem qualquer contrapartida.

– sem dignidade – sem honra – sem isenção – sem humanismo.

Coitados... 

direito de resposta

maria odete gonçalves
coimbra

Do último Boletim "O Gabelense", que li com saudade e interesse, um artigo suscitou a minha atenção e me leva a escrever esta carta.

Nunca vivi na Gabela, mas sim em CADA – Boa Entrada. Sou filha do Cunha das oficinas que, infelizmente nos deixou no passado dia 22 de Novembro, depois de uma doença terrível o ter deixado quatro anos na cama. Mas a verdade é que a Gabela sempre fez parte de quem estava na CADA e como tal é sempre com prazer, saudade e uma certa emoção que leio o Boletim.

O artigo que me chamou mais à atenção foi justamente o artigo sobre a construção de um centro social para os Gabelenses.

Efectivamente, a falta de apoios estatais é quase nulo e, não fôra os privados, penso que menos ainda haveria. Senti essa falta de apoio durante a doença de meu pai e também tive de recorrer a uma associação humanitária para ajuda – a Associação dos Familiares e Amigos dos Doentes Alzheimer. Como tal, venho dizer, do fundo do coração: **VÃO EM FRENTE!** Darei o meu apoio no que for necessário e sempre que possível, particularmente na solidariedade humana, até porque Águeda (a concretizar-se) não fica longe de Coimbra.

Força e tudo de bom para essa Associação e todos aqueles que a ele pertencem.

Aos Gabelenses

Votos sinceros de NATAL FELIZ e ANO NOVO DE PROSPERIDADE



da Associação

crisrina sant'ana costa in "Murmúrios de Búzio"

quando

Quando
O teu corpo amar
No momento secreto,
No jardim – delírio,
Há exaltação, há luar...

Quando
O teu corpo amar
Em gestos desmedidos,
Possuindo as noites
E o vento sem limites
Sem forma, sem espaços...

Partiremos à aventura
No silêncio dos caminhos,
Ao ritmo da memória eterna
Entre países luminosos...

existência

Quem me dera ser avel
Ser livre tantas vezes
Na parábola suave,
Sentir as minhas raízes.

Não escrevo versos,
Mas sim palavras.
Nas horas soltas,
Voos infinitos.

Palavras de fervor,
Talvez de dor,
Que são para ti,
Para ti que as lês,
Para ti que crês
Ser a existência...

LAR AVÓ IVONE, LDA.

Ambiente Familiar – Assistência Médica

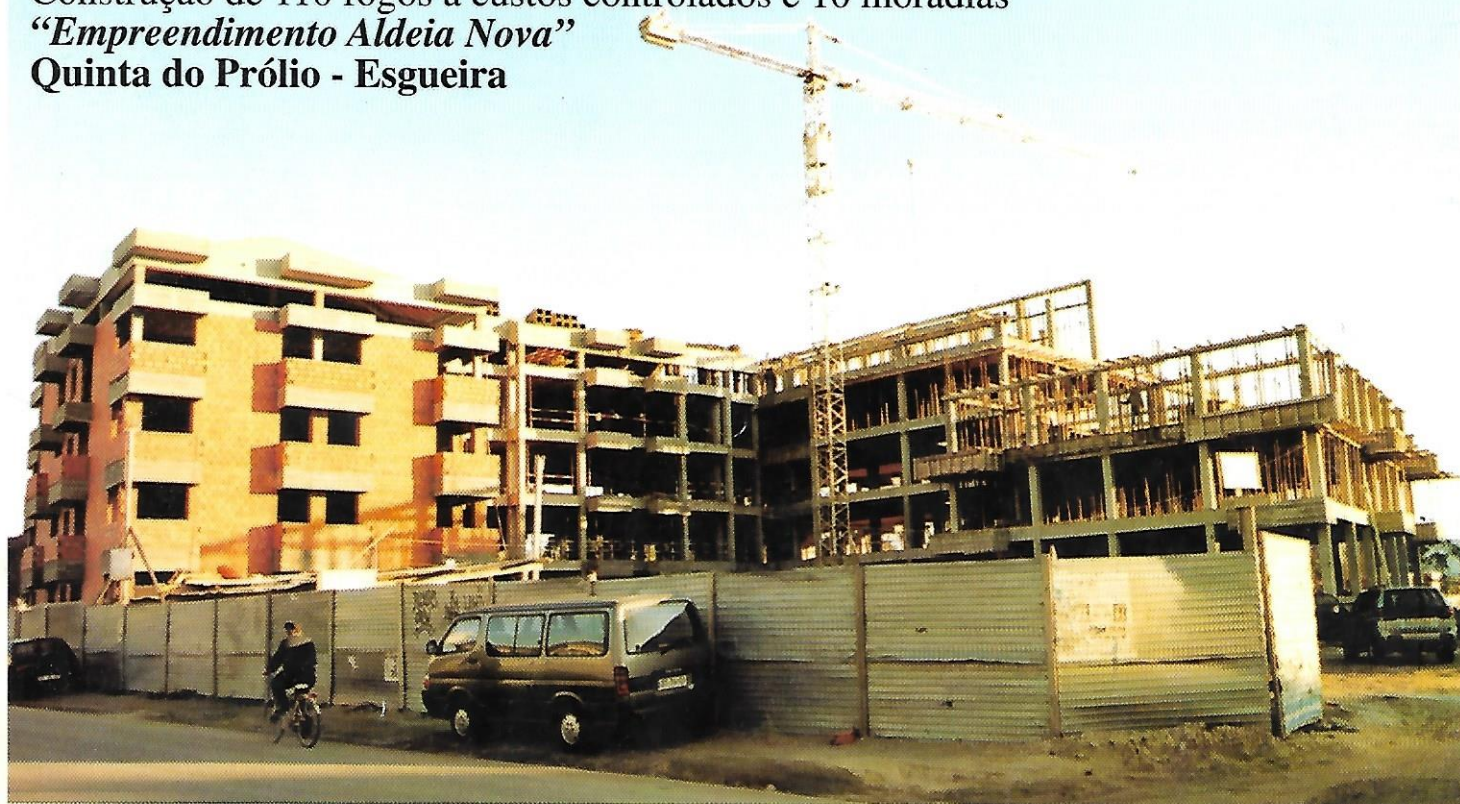
Rua das Trinas, 135 – 1200-857 LISBOA

Telefone: 21 39 64 105

Telemóvel: 96 26 66 670

Irmãos Castro investem em habitação a custo controlado.

Construção de 110 fogos a custos controlados e 10 moradias
“Empreendimento Aldeia Nova”
Quinta do Prólio - Esgueira



Empreendimento em *Ílhavo* de 45 fogos a custos controlados, junto à Escola Secundária, a serem entregues no final do ano.

